



TRICEVERSA
Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro
de Estudos Linguísticos e Culturais
ISSN 1981 8432
www.assis.unesp.br/cilbelc
TriceVersa, Assis, v.4, n.1, jul.-dez.2010



PUBLICAÇÕES INAUGURAIS DA IMPRENSA LITERÁRIA BRASILEIRA

Benedita de Cássia Lima Sant'Anna
Universidade Estadual Paulista — FAPESP

RESUMO

As publicações inaugurais da imprensa literária brasileira vêm sendo objeto de inúmeros estudos que reproduzem quase sempre o mesmo conteúdo, ainda que abordado de forma diversa. Apesar disso, é importante dar seguimento a tais estudos, como modo de valorizar o passado e conhecer o processo que suscitou o aparecimento de debates sociais, culturais e literários em nosso país. Como não há meio mais eficaz para se fazer isso do que por intermédio da investigação e análise de periódicos da época, traçaremos, neste texto, considerações referentes a tais periódicos, dando ênfase à breve reflexão sobre revistas publicadas no Rio de Janeiro, durante primeira metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa periódica; século XIX; revistas literárias e científicas; Brasil.

ABSTRACT

The early publications of the Brazilian literary press have been the subject of many studies that most of the time, reproduce the same content even if it is approached in a different way. In spite of that, it is important to continue such studies, as a way to appreciate the past and to know the process that provoked the social, cultural, and literary debates in Brazil. As there isn't a best way to accomplish it than through the investigation and analysis of the journals of that period, we will make in this text remarks about these journals, emphasizing on concise reflections about the magazines published in Rio de Janeiro, in the first half of the nineteenth century.

KEYWORDS

Journals; nineteenth century; scientific and literary magazines; Brazil.

A revista literária é uma forma da crítica e, no entanto, estabelece com ela relações bastante tensas. [...] a princípio, não hierárquica; ela oferece, horizontalmente, múltiplos enunciados, nem sempre passíveis de unificação ou convergência, porém, certamente rearticuláveis, em redes aleatórias, numa leitura de conjunto realizada *a posteriori*. Sua multiplicidade em consequência é anômala e estriada Raúl Antelo

Se as palavras do professor da Universidade de Santa Catarina, Raúl Antelo, fornecem-nos uma definição da revista literária tal qual é concebida, é preciso

lembrar que, no século XIX, a imprensa literária brasileira, em fase inaugural, tem caráter formador e moralizador. Origina-se do desenvolvimento e/ou modificações de perfil dos primeiros periódicos impressos, ou seja, tem sua origem na divulgação de textos literários de intuito instrutivo impressos em periódicos pertencentes à imprensa oficial, como *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (Salvador, 1812) e *O Patriota*, jornal literário, político e mercantil do Rio de Janeiro (1813-1814); portanto, nesse período ela não é só literária, mas, sobretudo, áulica.

Aos poucos vai-se configurando como uma modalidade aparentemente diversa: distancia-se de seu perfil oficial e oficioso. Resulta da associação de intelectuais preocupados com o desenvolvimento cultural brasileiro e assume o propósito específico de propagar conhecimento variado: belas-artes, ciências, educação, história, literatura, textos de crítica literária, artística e teatral.

Nela, a literatura e as ciências passam a caminhar lado a lado com o propósito definido de difundir educação. Formar e deleitar o público são uma das suas características essenciais. Mas assumirá sobre si, particularmente após a autonomia política do Brasil (1822) com relação a Portugal, a tarefa de criar referências concretas, suficientes para propagar e consolidar ideias de nação independente.

Desempenhando essa tarefa, em 1833, por iniciativa de professores e acadêmicos da recém-fundada Faculdade de Direito (1827), lança-se, na então província de São Paulo, a *Revista da Sociedade Filomática*,¹ “periódico com valor insofismável, sobretudo para a história das ideias existentes em tempos imediatamente anteriores à instauração romântica”. (COELHO, 1980, p. 22)

Dirigida por José Inácio Silveira Mota, Carlos Carneiro de Campos e Francisco Bernardino Ribeiro, a *Revista da Sociedade Filomática* foi impressa entre os meses de junho e dezembro de 1833 e contou com a colaboração de Justiniano José da Rocha,²

¹ Compunham a *Sociedade* Antônio Augusto de Queiroga, Carlos Carneiro de Campos, Francisco Bernardino Ribeiro, José Joaquim Fernandes Torres, João Salomé Queiroga, José Inácio Silveira da Mota, José Mariano Gomes Batista, Justiniano José da Rocha e Tomás Cerqueira, que, conforme o explicitado no texto, eram professores e/ou acadêmicos da Universidade de Direito de São Paulo.

² Contista, cronista, crítico, jornalista, político, professor e tradutor, nascido no Rio de Janeiro em 8 de novembro de 1812, faleceu na mesma cidade, em 10 julho de 1862. Filho de escrava, em 1823 segue para a França em companhia de José Joaquim da Rocha, um dos Patriotas exilados por D. Pedro I,

que se integrou a ela a partir da publicação do segundo número, assumindo sobre si toda a responsabilidade de publicá-la.

Dela saíram seis números que totalizam 198 páginas, nas quais encontramos matérias capazes de levar o leitor a indagar acerca das preocupações mais evidentes e do sentimento delas num momento em que o Brasil buscava autoafirmar-se. Em suma, a *Revista da Sociedade Filomática*, ainda que de natureza efêmera, configura-se como expressão do sentimento nacional e manifestação de natureza cultural, com diretrizes estético-literárias conservadoras:

Passados os momentos das guerras motivadas pelo grito do Ipiranga, alguns espíritos conscientizaram-se de nossa miséria intelectual [...]. Daí uniram seus esforços e boa vontade com o objetivo de formar uma sociedade que tivesse por fim “criar pequeno centro de luzes dispersas, procurar desta maneira meios para seu adiantamento individual e incitar maiores capacidades a reunirem-se para proveito geral”.³ (COELHO, 1980, p.22)

Além disso, os colaboradores da *Revista da Sociedade Filomática* assumiram sobre si a responsabilidade pela formação do gosto nacional. Entretanto, para executar seus propósitos, a *Revista* não conseguiu o apoio necessário:

[...] a província de São Paulo e a indiferente Capital do Império fizeram da *Revista da Sociedade Filomática* uma publicação sem eco, não só por falta de uma acolhida favorável, que se exprimiria em venda ou subscrição, como também no que diz respeito a polêmicas [e] contestações. (PASSOS, 1983, p.34)

Ainda assim, a *Revista da Sociedade Filomática* cumpriu papel específico, que a situa em termos históricos, “como espaço de representação, configuradora de identidades, *locus* da reflexão e, sobretudo, instrumento de construção e veiculação do modelo nacional”. (MARTINS, 2001, p.59)

provavelmente seu pai. Educa-se em Paris e, de volta ao Brasil, completa o curso de Direito em São Paulo, onde participa da Sociedade Filomática. Lançou e colaborou com vários periódicos da época, dentre esses *O Atalante* e *O Cronista*. Tornou-se alvo da primeira charge política impressa no país, uma caricatura em que é retratado recebendo dinheiro do Partido Conservador, em alusão ao fato de ter abandonado a redação d'*O Cronista* em favor de um emprego no *Jornal do Comércio*.

³ Trecho transcrito e ortograficamente atualizado pela autora, Odette Penha Coelho – professora do então Departamento de Literatura do Instituto de Letras, História e Psicologia da UNESP/Campus Assis –, da edição fac-similar patrocinada pela Metal Leve S. A. (São Paulo, 1977), da *Revista da Sociedade Filomática*. São Paulo: Tipografia do Farol Paulistano. 1833.

Praticamente três anos depois da publicação dessa revista, vivendo na França, alguns escritores brasileiros, conhecidos, posteriormente, como o grupo de Paris, resolveram criar uma revista em que seriam tratados temas de interesse nacional: a *Niterói – Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes* (1836). Sobre a união do grupo, escreveu Maria Orlanda Pinassi:

Em 1833, um pequeno grupo de jovens brasileiros se reúne em Paris para aprimorar os estudos iniciados no Rio de Janeiro e sonhar com a destinação pródiga da igualmente jovem e melancólica pátria. Solidários nos anos difíceis que viveram em terra estrangeira, entre eles havia laços de uma amizade selada ainda na capital do Império, onde descobririam afinidades sociais, artísticas e políticas. Desse fértil encontro, que para alguns duraria a vida inteira, resultou, entre outras coisas, na publicação de *Niterói – Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*. (PINASSI, 1998a, p.17)

Formado por Manuel de Araújo Porto-Alegre,⁴ Domingos José Gonçalves de Magalhães⁵ e Francisco Sales Torres-Homem,⁶ o grupo, que talvez não desejasse constituir-se enquanto tal, em contato com as novas ideias dos intelectuais franceses que faziam parte do Institut Historique, lança, em 1836, o manifesto romântico na revista *Niterói* e, com isso, faz da revista a porta-voz dos novos ideais românticos.

Composta de apenas dois números, com 188 e 264 páginas respectivamente, a *Niterói* vinha para a alfândega com selo francês e gozava de grande prestígio histórico-literário em razão da importância que cercava seus redatores, que representavam de corpo presente a pátria distante no mais renomado centro intelectual da Europa. Além disso, o prestígio do nome *Niterói*, de origem indígena e

⁴ Crítico, historiador, poeta, teatrólogo e barão de Santa Ângelo, nasceu em 1806, em Rio do Prado, Rio Grande do Sul, e faleceu em Lisboa em 1879. Foi discípulo de Debret no Rio de Janeiro. Em Paris, iniciou-se no Romantismo literário, por meio da leitura de Garrett. É considerado por alguns estudiosos o primeiro caricaturista brasileiro.

⁵ Visconde de Araguaia, nasceu no Rio de Janeiro em 1811 e faleceu em Roma em 1882. É considerado o nosso primeiro romântico histórico, ou seja, o divisor das águas entre a poesia clássica e a romântica. Escreveu diversas obras: peça teatral, poesia lírica e épica, romance e odes. Também colaborou com vários periódicos românticos brasileiros.

⁶ Visconde do Inhomirim nasceu no Rio de Janeiro em 1812 e faleceu em Paris em 1876. Advogado, jornalista, escritor, médico e político, era filho de um padre negociante e briguento com uma mulata alforriada, quitandeira no largo do Rosário. Apesar de participação nas letras e debates literários, o jornalismo e a política foram seus verdadeiros campos de atuação.

cunho nacionalista, evidencia as raízes brasileiras, cuja literatura romântica, sobretudo a da primeira geração, retornaria para adquirir autenticidade.

Neste sentido, lembramos que a primeira geração do Romantismo brasileiro, movimento inaugurado pela publicação da revista *Niterói* e do poema “Suspiros poéticos de saudades”, de Domingos José Gonçalves de Magalhães – também impresso no mesmo ano e cidade que a revista –, era nacionalista-indianista: voltava-se para a natureza, para o regresso ao passado histórico e ao medievalismo e cria um herói nacional na figura do índio, característica que levará a geração, posteriormente, a ser denominada de *indianista*.

Retomando as considerações sobre a *Niterói*, ressaltamos que, apesar de ser uma publicação efêmera, a revista tem presença obrigatória nos anais da literatura nacional, provavelmente devido ao fato de ter publicado o “Ensaio sobre a literatura do Brasil”, escrito por Gonçalves de Magalhães: ensaio “considerado o estopim de todo um processo de renovação literária condizente com a novíssima realidade independente do Brasil”. (PINASSI, 1998, p.19)

Contudo, importa mencionar que as ideias literárias divulgadas pela *Niterói* não eram pioneiras. Antes da revista, Almeida Garrett, Ferdinand Denis e Januário da Cunha Barbosa, entre outros, já reivindicavam uma literatura brasileira diversa da portuguesa, portanto, autônoma. A própria *Revista da Sociedade Filomática* transcreveu textos referentes a essa preocupação.

Entretanto, a *Niterói* foi a primeira revista nacional a editar material inédito, contendo as noções variadas e precisas referentes à defesa de uma literatura brasileira própria. Além disso, revista de proposta abrangente, a *Niterói – Revista Brasiliense* balizou as características que foram seguidas pelas revistas românticas literárias impressas no Brasil, principalmente pelas impressas no Rio de Janeiro, as quais exerceram também papel essencial para a implantação e consolidação do Romantismo no Brasil.

Imprensa Romântica Fluminense

Seguindo o modelo literário e científico de cunho enciclopédico, publica no Rio de Janeiro, durante as duas décadas finais da primeira metade do século XIX e a primeira década da segunda metade do mesmo século, revistas com características literárias do Romantismo.

Em 1833, Justiniano José da Rocha termina o curso jurídico em São Paulo e regressa ao Rio de Janeiro, onde funda o periódico *O Cronista*, em 16 de maio de 1836. Folha de interesse político, mas também literária e científica, foi importante para a implantação do nosso Romantismo.

Impressa na Tipografia Comercial de Silva & Irmão, com assinatura trimestral compreendendo 12 números, no valor de 2\$000 réis, saía a princípio uma vez por semana, às segundas-feiras; depois passou a ser bissemanal e, por fim, trissemanal. Contou com a redação de Justiniano José da Rocha, Josino do Nascimento Silva,⁷ dono da tipografia citada, e, posteriormente, com a de Firmino Rodrigues Silva.⁸

Por ser impresso no Brasil, *O Cronista* contava com a vantagem de ter uma maior aproximação com o povo e maior contato com o leitor, isto se comparado à revista *Niterói*. O jornal também teve mais durabilidade, ou seja, foi menos efêmero que a revista. Seu último número saiu em 1839.

Encerrada a publicação d'*O Cronista*, continuaram as atividades jornalísticas de Justiniano José da Rocha em outros jornais que fundou e dirigiu, bem como as de Josino. Sobre as ações e atuação de Justiniano no cenário da época, escreveu Hélio Lopes:

Ficará sempre à margem da corrente de nosso romantismo oficial logo apadrinhada pelos benefícios do paço de São Cristóvão. Justiniano estará mais próximo daqueles independentes das proteções governamentais. A mão imperial assinou em

⁷ Político e jornalista brasileiro (1811-1886), exerceu vários cargos na área de magistratura. Também foi presidente da província de São Paulo no período de 4 de janeiro de 1853 a 26 de junho de 1854 e do Rio de Janeiro no período de 15 de abril de 1871 a 10 de outubro de 1872. Membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como subscritor da Associação Biblioteca Fluminense.

⁸ Orador, magistrado, jornalista, poeta e político, nasceu em Niterói (1815) e faleceu em Paris (1879). Foi comendador da Ordem de Cristo, oficial da Ordem da Rosa e membro do Conservatório Dramático Brasileiro. Colaborou com os periódicos *O bom senso* (1849), *O Cronista* e *O Constitucional* (1862-1864).

seu favor um único benefício. Foi na manhã da sua morte. Veio tarde e não lhe fez falta. Ao menos a ele, porque a família continuou a passar necessidade. (LOPES, 1978, p.29)

Sobre Josino, informamos que, ainda em maio de 1839, ele lança juntamente com João Manuel Pereira da Silva⁹ e Pedro d'Alcântara Bellegarde¹⁰ a *Revista Nacional e Estrangeira*, publicação mensal que estampou, sem interrupções, dezoito números, perfazendo cinco tomos, nos quais predominam matéria científica em artigos traduzidos de revistas europeias.

Ainda assim, contribuiu para a divulgação do texto literário representado pela tradução de poemas de Lamartine, de Vigny e de Delavigne. Contou com a contribuição de fundadores da *Revista da Sociedade Filomática*, como Francisco Bernardino Ribeiro, com a colaboração de Firmino Rodrigues Silva, de Manuel Odorico Mendes e de Domingos José Gonçalves de Magalhães, que enviou para a *Revista* a primeira publicação do excerto de *A confederação dos tamoios*. Em suma:

Essa revista [Nacional e Estrangeira] político-literária constituía mais um empreendimento desses homens de letras, membros da elite burocrática brasileira, com ativa participação em diversas áreas e na imprensa periódica da corte, tanto como tradutores como escritores de textos próprios, incluindo neste rol os primeiros passos na produção de ficção no Brasil. (RAMICELLI, 2008, p.2)

Fruto de grandes perspectivas, não teve melhor sorte que suas antecessoras: vítima do desinteresse comum, a *Revista Nacional e Estrangeira* desaparece no ano seguinte ao de seu nascimento, 1840. Porém, pôde ser lida como um instante de congraçamento, já que traz novamente a figura de Justiniano e Magalhães. Se a existência da *Revista* tivesse sido mais duradoura, o empenho de ambos em prol da literatura brasileira poderia ter-se aliado, como nos tempos de Paris (1833), o que certamente seria altamente profícuo para o desenvolvimento de nossas letras.

⁹ Nasceu em Iguazu, Rio de Janeiro, em 1817 e faleceu em 1898, em Paris. Formou-se em Direito em Paris, onde participou da fundação da *Niterói – Revista Brasiliense*, citada neste texto. De volta ao Brasil, atuou como advogado e político de linha conservadora e exerceu atividade jornalística. Foi redator do *Jornal do Comércio*, do *Jornal de Debates* e da *Revista Popular*. Também foi membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

¹⁰ Nasceu 1807, a caminho do Brasil, e faleceu no Rio de Janeiro em 1864. Foi militar e político eleito para a Assembleia Geral em 1863, mas não chegou a tomar posse. Colaborou com a *Minerva Brasiliense*, da qual, em linhas gerais, trataremos neste texto.

Passados quase três anos do encerramento da *Revista*, mais especificamente em 1º de novembro de 1843, é lançada outra publicação literária e científica romântica, de importância superior a essa: o *Minerva Brasiliense*, jornal de ciências, letras e artes, publicado por uma associação de literatos, pela tipografia de J. E. S. Cabral, localizada na Rua do Hospício, nº 66, no Rio de Janeiro.

Dirigido inicialmente por Francisco Sales Torres Homem, – aquele que, juntamente com Porto-Alegre e Gonçalves de Magalhães, havia redigido a *Niterói – Revista Brasiliense*, – o *Minerva*, apesar de apresentar-se ao público como jornal, era uma revista.

Em defesa dessa postura, ressaltamos que o formato do *Minerva Brasiliense*, a disposição dos assuntos tratados e a própria periodicidade, bimensal na maior parte do tempo e mensal em alguns momentos, o distinguem do formato jornal. Além disso, é como revista que o *Minerva* vem sendo definido pelos estudiosos que dele se ocuparam. O próprio Hélio Lopes, já em 1978, na obra *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas romântica “Minerva Brasiliense” (1843-1844) e “Guanabara” (1849-1856)*, o classifica como tal. Assim, é como revista que iremos de agora em diante tratá-lo.

Conhecida como a primeira revista literário-científica impressa depois da maioria de D. Pedro II (1840), a *Minerva* contou com número significativo de colaboradores, entre eles Domingos José Gonçalves de Magalhães, Candido José de Araújo Viana,¹¹ Carlos Emílio Adet,¹² Januário da Cunha Barbosa,¹³ Joaquim Manuel de

¹¹ Primeiro e único marquês de Sapucaí, nasceu em Nova Limão, então Congonhas do Sabará, em 1793, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1875. Bacharel em Direito, foi ministro da Fazenda, ministro da Justiça, conselheiro de Estado e mestre de literatura e ciências positivas de D. Pedro II (então herdeiro do trono). Também cuidou da educação da princesa Isabel.

¹² Crítico e romancista francês (1818-1867), veio criança para o Brasil, foi redator-gerente do *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, oficial da Ordem Rosa, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Conservatório Dramático.

¹³ Nasceu no Rio de Janeiro em 1780 e faleceu na mesma cidade em 1846. Foi biógrafo, historiador, jornalista, orador sacro e político de grande importância durante o Primeiro Reinado. É um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi secretário perpétuo. Dirigiu a Biblioteca Nacional e também foi um dos editores do *Revérbero Constitucional Fluminense*.

Macedo,¹⁴ Joaquim Norberto de Souza e Silva,¹⁵ Manuel de Araújo Porto Alegre, Manuel Odorico Mendes¹⁶ e Santiago Nunes Ribeiro,¹⁷ entre outros.

Foi a primeira revista de grande importância daquele período e a segunda do mesmo nome editada no Brasil – de abril a dezembro de 1822, publicou-se na Bahia outro periódico intitulado *Minerva Brasiliense*.

De acordo com Hélio Lopes, a importância da *Minerva Brasiliense* deve-se ao seu corpo de colaboradores, bem como à variedade de assuntos nela tratados:

O bom êxito da *Minerva Brasiliense* esteve no seu corpo de colaboradores: os nomes mais reputados no campo das ciências – astronomia, medicina, botânica, zoologia, química, física e geografia. Também na variedade de assuntos tratados, desde os mais específicos nas diversas áreas até as pequenas anedotas, ou historietas, de nomes célebres da História. (LOPES, 1978, p.32)

De fato, na *Minerva Brasiliense*, os artigos de ciências e de economia têm mais força que em suas antecessoras; entretanto, apesar de a revista ter um apelo mais científico do que literário, firmou-se mais nas áreas de letras. Comparada com as demais revistas brasileiras de cunho científico-literário e nacionalista impressas no Brasil antes de 1º de novembro de 1843, observa-se que na *Minerva Brasiliense* a literatura ganha ainda maior importância.

Patrocinada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,¹⁸ essa revista acolheu o interesse da primeira geração romântica, que, como se sabe, voltava-se

¹⁴ Médico, romancista, poeta, teatrólogo e jornalista, nasceu em Itaboraí, Rio de Janeiro, em 1820, e faleceu em 1882. Foi professor de História e Geografia no Colégio Pedro II (1849) e deputado na Assembleia Provincial do Rio de Janeiro (1850, 1853, 1854 e 1859) e na Assembleia Geral (1864-1866, 1867-1868 e 1873-1881), membro do Conselho Diretorio da Instrução pública da corte (1866), sócio do Instituto Histórico e Geográfico etc.

¹⁵ Biógrafo, pesquisador, poeta, romancista, teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro em 1820 e faleceu em Niterói, Rio de Janeiro, em 1891. De pouca instrução, revelou precocemente grande talento para as letras. Colaborou em diversos periódicos da época e na *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. "Sua atividade literária foi intensa e seus estudos têm validade para o conhecimento do passado literário no Brasil" (COUTINHO e SOUSA, 2001, p.1157).

¹⁶ Nasceu em São Luís, Maranhão, em 1799, e faleceu em Londres, Inglaterra, em 1864. Jornalista, poeta, político e tradutor, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1834 e elegeu-se deputado por Minas Gerais. Foi um grande defensor da Liberdade Nacional.

¹⁷ Nasceu no Chile (?) e faleceu no Brasil, em São José do Rio Preto em 1847. Foi jornalista e professor do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro.

¹⁸ Criado por uma proposta apresentada pelo cônego Januário da Cunha Barbosa e pelo Marechal Raimundo José da Cunha Matos, o Instituto foi instalado em 1838 em uma assembleia composta por 27

para a formação e desenvolvimento intelectual, bem como para o incentivo ao culto do nacional.

Lembramos que o nacional é considerado um sentimento de valorização marcado pela aproximação e identificação com a nação, ou seja, apresenta uma definição política abrangente da defesa dos interesses do país antes de quaisquer outros e, sobretudo, da preservação de sua identidade nos planos linguísticos e culturais. Portanto, difere-se do patriotismo que, devido à sua definição mais estreita, pode ser interpretado como uma manifestação de amor ao Estado e seus símbolos.

Na época, o incentivo ao culto nacional estava ligado à nossa necessidade de nos impormos enquanto nação independente possuidora de literatura própria, a qual, embora escrita em língua portuguesa, já não era a mesma de nossos colonizadores: a influência do clima, a configuração do terreno, a fisionomia de nossos vegetais, os aspectos da natureza do país, de seus primeiros habitantes, de nossos usos e costumes nos distinguiam de Portugal.

Expressar essa distinção era um desejo – mais do que isso, uma necessidade e um dever dos intelectuais que colaboraram com as revistas românticas brasileiras. Talvez por isso, na *Minerva Brasiliense* encontram-se “vários estudos de revisão do passado com o intuito de descobrir, afirmar e provar a existência de uma literatura nacional, em artigos de subido valor”, marcando com isso “o instante em que o passado se consorcia com o presente”. (LOPES, 1978, p.32)

Importa mencionar que a coleção completa da *Minerva Brasiliense* comporta três volumes, os dois primeiros contendo doze números cada e o último, seis números ímpares (1, 3, 5, 7, 9 e 11), encerrando-se com um número par (12). No intervalo desses números imprimiu-se a "Biblioteca Basílica": publicação criada pela revista *Minerva* com o objetivo de editar obras consideradas raras, visando instruir o público, despertando-lhe o amor à leitura e aos estudos.

membros fundadores. Logo recebeu o patronato do imperador D. Pedro II, que tomou o órgão sob sua proteção e tornou-se seu mais ativo membro, presidindo centenas de sessões, muitas descritas em periódicos da época. Atualmente, é considerada a mais antiga e tradicional entidade brasileira de fomento à pesquisa, preservação histórico-geográfica, cultural e de ciências sociais do Brasil.

Editada entre os números especificados, na "Biblioteca Brasília" foram impressas as *Cartas Chilenas*, de Tomás Antonio Gonzaga; o poema *O Uruguai*, de José Basílio da Gama; um opúsculo de autoria de José da Silva Nunes e *O Morgado*, conto escrito por Hoffmann.¹⁹ Entretanto, nem todas as obras nela impressas foram publicadas na íntegra: a edição das *Cartas Chilenas*, por exemplo, constou de apenas sete cartas. Apesar disso, esta e as demais obras constantes nos números da "Biblioteca Brasília" foram acrescidas de comentários críticos de Santiago Nunes Ribeiro.

Santiago havia assumido a redação da *Minerva Brasiliense* desde o início do segundo ano, no qual, aliás, a revista passou a ser impressa na Tipografia Austral, Beco de Bragança, 15, Rio de Janeiro. Sobre essa transferência de tipografia, informamos que, seja por irregularidade na impressão no que se refere à sua periodicidade, seja por deficiência gráfica no serviço, a troca de tipografia pelos proprietários e redatores dos periódicos editados na época estudada era uma prática comum e, às vezes, indispensável para a continuidade da folha.

No caso da *Minerva Brasiliense*, a troca foi profícua, viabilizou a criação da "Biblioteca Brasília", possibilitando que a revista entrasse para a história do Romantismo e, principalmente, da imprensa brasileira com essa atitude pioneira que seria imitada por outros periódicos, como a revista *Guanabara* (1849-1856), da qual também trataremos neste texto.

Em junho de 1845, a *Minerva Brasiliense* encerra as suas atividades, e seria o fim do projeto nacionalista, disseminador de instrução e conhecimento variado adotado pela revista se um dos seus mais assíduos colaboradores, José Manuel Valdez y Palacios (1812-1854),²⁰ não tivesse procurado dar continuidade à publicação, lançando

¹⁹ Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822), escritor romântico alemão de grande repercussão internacional. Formou-se em Direito e dedicou-se à carreira jurídica entre 1795 e 1806, ano em que perdeu o cargo devido à invasão das tropas napoleônicas. A partir dessa data até 1814, passa por um período de sérias dificuldades financeiras e, em contrapartida, tem a chance de dedicar-se à literatura e às artes: aprimora-se como músico, descobre seu talento literário e dirige o teatro de Bamberg. Seu conto *O Morgado* é classificado como de "horror".

²⁰ Escritor peruano, autor de obras significativas como *Viaje del Cuzco a Belén in el Gran Pará (por los rios Vilcamayo, Ucayali y Amazonas)* e *Bosquejo sobre el estado político, moral y literario del Peru em sus tres grandes épocas*.

em dezembro do mesmo ano *A Nova Minerva*: periódico dedicado às ciências, às artes, à literatura e aos costumes.

A Nova Minerva deveria ser publicada semanalmente. Seu escritório se localizava na rua São José, n. 8, e a revista dedicava-se às artes, às ciências, aos costumes e à literatura. Cada número contém entre 16 e 20 páginas, e dela foram impressos apenas 24 números. A revista coloca em evidência o empenho dos intelectuais nacionais em promoverem a educação do povo e, mesmo sendo efêmera, confirma a existência de uma tradição literária e científica na, então, recém-inaugurada imprensa brasileira.

Nas páginas da *Nova Minerva* foram impressas algumas contribuições para o estudo do andamento de nosso Romantismo, das quais se destacam, dentre outros textos, a biografia de Eugênio Sue; a tradução da obra de Balzac, *Louis Lambert*, realizada por Antonio José Leite, e a apreciação do livro de poemas de Joaquim Norberto, intitulado *Dirceu de Marília*.

Ainda sobre a revista, informamos que ela se extinguiu em maio de 1846 e, por ser uma publicação simples, possivelmente mais barata que suas congêneres, poderia ter ido mais longe se Valdez y Palacios tivesse conseguido agremiar ao seu redor escritores de renome que o ajudassem a erguer o nome da pequena publicação. Além disso, sobre ela e um dos motivos que inviabilizaram a sua ampliação, escreve Helio Lopes:

A Nova Minerva com toda a sua modesta atuação foi um generoso tentame de manter aceso o interesse pelas coisas literárias. Deve ter-lhe prejudicado a expansão o aparecimento, neste mesmo ano de 1845, de um jornal muito mais bem dotado. (LOPES, 1978, p.42)

O jornal referido por Lopes é o *Ostensor Brasileiro*, jornal literário e pictorial, editado pelo jornalista, poeta e romancista português Vicente Pereira de Carvalho Guimarães e João José Moreira. Impresso em tipografia própria, a Tipografia do *Ostensor Brasileiro*, o jornal tem periodicidade desconhecida, mas tudo indica que, em geral, saía de quinze em quinze dias.

Seu objetivo era tratar dos fatos relacionados ao Brasil, promover a educação no país e formar público leitor; assim, encontram-se publicados em seus números, cada

um com oito páginas, textos em que se observa a necessidade de investimentos públicos na educação, principalmente no que se refere ao ensino básico e igualitário a todas as classes.

Além disso, encontram-se nas páginas do *Ostensor Brasileiro* quatro romances históricos, sem indicação de autoria, publicados em forma de folhetim e cerca de 50 gravuras, que se dividem entre ilustração de paisagens brasileiras, igrejas, cidades, monumentos, rochedos e retratos de políticos, de membros do clero (padres), bem como de nativos (índios).

Tais gravuras e retratos aparecem ora relacionados com textos impressos, ora ilustrando outro texto de assunto aproximado; algumas aparecem ainda de forma mais solta, normalmente impressas na última página do número. Graças a essas gravuras, que proporcionavam enriquecimento gráfico à divulgação de textos literários e ao empenho dos redatores do jornal em propagar as luzes, ou seja, promover a cultura, a educação, a leitura e a literatura no Brasil, o *Ostensor Brasileiro*, embora dirigido por portugueses, se apresenta como uma manifestação da imprensa literária ilustrada em nosso país, a qual se concretizaria de fato no início da década seguinte com a publicação da *Ilustração Brasileira* (1854-1855) e do periódico *Brasil Ilustrado* (1855-1856), entre outros.

Colaboraram com o *Ostensor Brasileiro* Antônio de Castro Lopes,²¹ Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa,²² Francisco Bonifácio de Abreu,²³ Januário da Cunha

²¹ Poeta e teatrólogo nascido no Rio de Janeiro (1827-1901). Formado em Medicina, foi professor e deputado provincial. Escreveu sob os pseudônimos “O.O.S.”, “Petroscalos” e “Philogelus”. Autor de: *Abamoacara*, tragédia (1847); *Teatro*, em 3 volumes (1864-1865); *Musa latina*, tradução em latim de algumas líras de Tomás Antonio Gonzaga (1868); *Ressurreição*, poema (1879), etc. Colaborou com diversos periódicos da época.

²² Romancista de preocupação nacionalista, nasceu em Cabo Frio (1812) e faleceu no Rio de Janeiro (1861). Era mestiço e de família humilde. Trabalhou na tipografia de Paula Brito, onde conheceu os grandes nomes das letras. Foi professor e depois escrivão. É o autor de *Cornélia*, peça teatral escrita em 1840; *Cânticos líricos*, poema (1841); *O filho do pescador*, romance (1843); *Três dias de um noivado*, romance (1844); *Tarde de um pintor, ou as intrigas de um jesuíta*, romance (1847), dentre outros títulos.

²³ Barão da Vila da Barra. Era médico, poeta, professor, tradutor, coronel cirurgião-mor honorário do Exército, nasceu na Bahia em (1819) e faleceu no Rio de Janeiro (1887). Escreveu os romances em verso *Tersina* (1848) e *Palmira ou A Ceguinha Brasileira* (1849); *Moema e Paraguaçu*, episódio da descoberta do Brasil (1860), e traduziu *A Divina Comédia*, de Dante, em 1887.

Barbosa, José Albano Cordeiro,²⁴ José Amaro de Lemos Magalhães,²⁵ Joaquim Manuel de Macedo, Manuel de Araújo Porto-Alegre etc.

Apesar desse distinto grupo de colaboradores, o jornal não conseguiu o apoio necessário do público alfabetizado para ir mais além, provavelmente porque esse era ainda muito incipiente e não tinha o hábito de ler. Também não contou com o auxílio financeiro do governo e, como não existiam anunciantes para ajudar a custear sua publicação, dispendiosa em razão das aquisições de gravuras nele impressas, ocasionou grandes prejuízos aos seus editores e o seu próprio fechamento no ano seguinte ao do nascimento (1846), o mesmo em que, conforme o explicitado, *A Nova Minerva* encerra as atividades.

Dois anos mais tarde, apareceria *Íris* (1848-1849), periódico de belas-artes, ciências, romances, religião, notícias e variedades, publicado no Rio de Janeiro por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha,²⁶ português radicado no Brasil. A revista contava ainda com a direção de Ricardo Augusto da Costa Leiros, cujo nome e a função a ele atribuída aparecem informados em suas páginas.

Contava também com a colaboração de Antonio Gonçalves Dias, Joaquim Norberto de Souza e Silva, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Emílio Joaquim da Silva Maia,²⁷ Antonia Gertrudes Pusich,²⁸ Antonio José Vitorino de Barros,²⁹ Antonio Rangel

²⁴ Poeta e professor, nasceu no Rio de Janeiro em 1818. Colaborou com vários periódicos oitocentistas e escreveu *Álbum de Armia ou Gemidos sobre o tûmulo de uma brasileira*, poema (1854).

²⁵ Poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro em 1814 e adotou o pseudônimo de Dutra. Autor de *Minha festeira* (1850); *Harpa do Trovador* e *Parisina*, tragédia original, ambas sem datas.

²⁶ Nasceu em Lisboa em 1810 e faleceu no Rio de Janeiro em 1879. Teceu críticas à obra e, principalmente, ao português utilizado por José de Alencar. Escreveu *Íris Clássico*, coordenado e oferecido aos mestres e aos alunos das escolas brasileiras; *Ortografia portuguesa e missão dos livros elementares*, correspondência oficial relativa a *Íris clássico*; *Padre João Lucena*, excertos seguidos de uma notícia de sua vida e obras, *Um juízo crítico*, apreciação de belezas e defeitos e estudos de língua, dentre outros títulos.

²⁷ Nasceu em Salvador (1808) e faleceu no Rio de Janeiro (1859). Formado em Medicina, foi orador, professor e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

²⁸ Nasceu em 1805 (Cabo Verde) e faleceu em 1883 (provavelmente em Lisboa). É considerada a primeira jornalista portuguesa. Defendeu os direitos da mulher de aprender a ler, escrever e participar na vida social e política do país, numa época em que as mulheres estavam confinadas à família, à música e aos bordados. Fundou o periódico *A Assembleia literária* (Lisboa, 1849-?), jornal de instrução; *A Beneficência* (Lisboa, 1852) e *A Cruzada* (Lisboa, 1858), jornais religiosos e literários.

²⁹ Poeta, prosador, diretor da seção da Secretaria do Estado do Ministério da Justiça, nasceu no Rio de Janeiro em 1824 e faleceu nessa mesma cidade em 1891, foi membro do Conservatório Dramático do

de Torres Bandeira³⁰ e Marcelino Antonio Dultra,³¹ que utilizou o pseudônimo de *Inhato Mirim*, bem como Reinaldo Carlos Montoro,³² que assinava suas colaborações com o nome de *Vitor de Canovaz*.

Nota-se que as revistas românticas fluminenses, particularmente as científicas e literárias, nasciam e morriam, trocavam-se alguns nomes, mas com suas sucessoras permanecia quase sempre o mesmo grupo de colaboradores e, com ele, o instinto de nacionalidade, o desejo de disseminar conhecimento; promover a cultura, desenvolver as ciências e a instrução, divulgar literatura, incentivar o hábito de ler e formar leitores.

O próprio nome da revista é uma expressão desses desejos. "Íris", em sua conotação clássica, significa a deusa do espírito e do arco-íris: "a mensageira dos deuses. Por onde passava, deixava o rastro luminoso e colorido". (LOPES, 1978, p.43) Do mesmo modo, a revista, ao difundir conhecimento, deixa tal rastro.

Além das finalidades expostas, o redator e fundador da revista, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, pretendia, por intermédio da folha, aproximar Brasil e Portugal, o que não se realiza. O momento não estava propício para isso: a busca pela identidade nacional, distinta e independente da portuguesa, fazia da aproximação com Portugal algo indesejável para muitos brasileiros e, como os colaboradores da revista eram em sua maioria brasileiros, não auxiliaram o redator nesse intento.

A revista *Íris* tinha ainda o objetivo de divulgar talentos desconhecidos, e isso acaba se concretizando em alguns momentos, como em 1849, quando publica a novela

Rio de Janeiro (1856-1871), era irmão de Joaquim José Inácio, o visconde de Inhaúma. Adotou os pseudônimos Um tenente de Deus, Thespis e Vercingetorix Brasília. É o autor de *Catástrofe da corveta D. Isabel* (1861); *História de um gato célebre* (1865); *O Almirante Visconde de Inhaúma* (1870) etc.

³⁰ Poeta, teatrólogo, jornalista e crítico literário, nasceu em Recife em 1826 e faleceu em 1872. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Assinava suas colaborações sob os pseudônimos de Archilocus, Harmodius e Paulo. Escreveu *O eremita de Jafa*, poesia, 1844; *Oblação do Cristianismo*, poesia (1845); *Um suspiro de Deus*, poemeto, 1846, etc. Colaborou com diversos periódicos oitocentistas.

³¹ Nasceu em Desterro, atual Florianópolis (1809-1869), foi professor, promotor público, jornalista polemista, político e poeta satírico, patrono da cadeira 34 da Academia Catarinense de Letras.

³² Ensaísta, poeta e romancista, nasceu no Porto em 1831 e faleceu no Rio de Janeiro em 1888, cidade em que se torna membro do Grêmio Literário Português, ali existente. Escreveu o *Centenário de Camões no Brasil*. *Portugal 1580*, *O Brasil em 1880* e *Elogio histórico do eminente estadista português Marquês de Pombal*.

A *feiticeira*, assinalando com isso a estreia literária do poeta, romancista, funcionário público e político Antônio Joaquim da Rosa (1820-1886), natural de São Roque, São Paulo, posteriormente agraciado com o título de Barão de Piratininga.

No ano citado, a revista encerrou suas atividades e, no mesmo ano, lançou-se o *Beija-flor* (1849-1850), revista semanal redigida por João d’Aboim,³³ Joaquim Norberto de Souza e Silva e Floriano Alves da Costa.³⁴ Antes de discorrermos sobre essa publicação, é preciso ressaltar que, ainda a partir de janeiro e até dezembro 1848, publicou-se no Rio de Janeiro o *Museu Pitoresco*, publicação semanal, literária e ilustrada.

Criada e dirigida pelos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert,³⁵ nascidos no Grã-ducado de Baden e pioneiros no mercado livreiro e tipográfico brasileiro, o *Museu Pitoresco* não contou com a colaboração de escritores de renome, como a revista *Íris*, mas em suas páginas estampa uma grande variedade de contos, novelas e poesias traduzidas do francês, do holandês, do russo, do húngaro e do alemão.

No que se refere a tais traduções, importa mencionar que parte delas não informa o nome do tradutor. Os textos de origem inglesa impressos no *Museu Pitoresco*, por exemplo, são todos anônimos (autor e tradutor). Por outro lado, os contos e novelas de origem alemã nele inseridas geralmente trazem o nome do tradutor, que, na maioria das vezes, é J. F. Rodrigues Júnior.

Além disso, no *Museu Pitoresco* é reservado um espaço menos representativo à poesia se comparado com a quantidade de textos ficcionais nele publicados. Entretanto, é por intermédio de composição poética, ou melhor, da “Rosa no mar”, poesia de Gonçalves Dias, já inclusa nos *Primeiros Cantos*, e de pequenas composições escritas por J. C. Fernandes Pinheiro Júnior e por João d’Aboim que a literatura

³³ Poeta e teatrólogo português, João Correia Manuel d’Aboim viveu um tempo no Rio de Janeiro. É o autor das obras poéticas *O livro de minha alma* (1849) e *Saudades de minha pátria* (1850).

³⁴ Poeta, teatrólogo e jornalista nascido no Rio de Janeiro em 1825. Escreveu *O Passeio dos bardos ao baldeador*, poemeto (1848); *Amores e saudades, composição poética* (1856).

³⁵ Eduardo Laemmert (1806-1880) chegou ao Brasil em 1828 e fundou no Rio de Janeiro a Livraria Universal; cinco anos mais tarde chegou seu irmão Henrique e, juntos, formaram a firma E. & H. Laemmert, com sede na Rua da Quitanda, n.º 77. O empreendimento foi um sucesso e Eduardo viajou a Paris em 1837, após comprar três impressoras, a fim de aprender o ofício tipográfico. Em 2 de janeiro de 1838, inauguraram a Tipografia Universal, na Rua dos Inválidos, Rio de Janeiro.

brasileira e a literatura portuguesa, ainda que produzida no Brasil, estão representadas nesse periódico, brasileiro de nascimento, mas divulgador da literatura europeia entre nós.

Importa ressaltar que, embora territorialmente a literatura portuguesa esteja incluída em tal grupo, ela ocupou pouco espaço nas páginas do *Museu Pitoresco*, porque o objetivo dos proprietários do periódico era divulgar textos provenientes de outros idiomas, particularmente textos oriundos da Alemanha e da França. Ademais, a literatura portuguesa já estava aqui tão disseminada que os escritores portugueses eram até mais conhecidos no Brasil que muitos dos escritores brasileiros.

A esse respeito, informamos que alguns dos nossos escritores só se tornaram conhecidos aqui depois de terem publicado em Portugal, como ocorre com Casimiro José Marques de Abreu (1839-1860), filho de um abastado comerciante e fazendeiro português residente no Rio de Janeiro e de uma viúva, fazendeira em Barra de São João, Rio de Janeiro, hoje município que leva o nome do poeta.

Em 1853, acompanhado pelo pai, José Joaquim Marques de Abreu, Casimiro embarca para Portugal para tratar dos sintomas de uma tuberculose pulmonar. Em Lisboa, escreve o drama *Camões e Jaú*, representado na capital portuguesa em 1856, e praticamente toda sua obra poética. No ano citado, colabora com a revista *Ilustração Luso-Brasileira* (Lisboa: 1856 e 1858-1859), o que lhe concede a oportunidade de, com apenas 16 anos de idade, ter seu nome figurando entre os de escritores já bem conhecidos do público, como Alexandre Herculano,³⁶ Mendes Leal,³⁷

³⁶ Historiador, romancista, contista, ensaísta, poeta, crítico e um dos introdutores e guias do Romantismo português (Lisboa, 1810 – Santarém, 1877). Autor de *Eurico, o Presbítero*: romance, 1844; *A voz do profeta*, prosa poética, 1836; *Harpa do Crente*, 1837; *O Bobo*: romance, 1843; *Lendas e Narrativas I e II*: 1839 e 1840; *O Pároco da Aldeia*, romance, 1844; *O Monge de Cister*, romance, 1848, dentre outros. Também redigiu e colaborou com periódicos oitocentistas de língua portuguesa.

³⁷ José Mendes Leal Júnior, político, escritor e jornalista português (1818-1886), irmão do comediógrafo Antonio Joaquim Teodorico Mendes Leal e do escritor Joaquim José da Silva Mendes Leal. Juntamente com o irmão Antonio colaborou com a redação da revista *A Ilustração Luso-Brasileira*, mas, enquanto este contribuiu durante a publicação do segundo volume da revista, José da Silva Mendes Leal Júnior colaborou de forma expressiva durante a publicação do primeiro e do terceiro volume.

Rebello da Silva³⁸ etc., bem como de se tornar conhecido pelo público leitor das províncias, de Portugal e do Brasil.

Ressaltamos que o que ocorre com Casimiro não é um fato isolado em nossa história literária e que as revistas literárias e científicas brasileiras da época, assim como as revistas literárias instrutivas portuguesas, também tinham o objetivo de divulgar talentos até então desconhecidos, bem como as obras de escritores já consagrados pelo público leitor. Esse é um dos aspectos que estamos procurando demonstrar com este texto.

Assim, observa-se que, mesmo diferente das demais revistas científicas literárias publicadas no Rio de Janeiro e aqui citadas, o *Museu Pitoresco* também faz isso, só que a seu modo, pois, para Eduardo e Henrique Laemmert, o desconhecido para o leitor brasileiro não era só o escritor iniciante, mas o autor cujo conhecimento do idioma era ignorado por muitos e, conseqüentemente, cuja obra era inacessível aos nossos leitores.

Por outro lado, *O Beija-Flor* (1849-1850), seguindo os passos da *Minerva Brasiliense*, da *Nova Minerva* e da *Íris*, preocupava-se mais com a divulgação da literatura nacional que da literatura estrangeira. Essa revista de instrução e recreio, da qual foram impressos cerca de 52 números, – microfilme disponível para consulta no acervo do Arquivo Adgard Leuenroth: AEL/IFCH/UNICAM, – apresenta-se ao público fazendo alusão à figura do beija-flor e desejando que, assim como ele, a revista seja bem recebida por suas flores, forma simpática de definir o leitor. (*Beija-flor*, 1849, p.1)

Entretanto, demonstra preocupação com a efemeridade das revistas da época, sobretudo com a efemeridade das revistas dedicadas às artes, às letras e à instrução. Prova disso encontra-se no texto impresso no exemplar de número 5 da revista, nas páginas 1 e 2, em que o autor José Dias da Costa discorre sobre a sina fatal dos pequenos jornais considerados literários, “que apenas começam a andar, eis que lhe

³⁸ Luiz Augusto Rebello da Silva (Lisboa, 1822-1871) ingressou na carreira jornalística com dezessete anos ao participar da fundação da Sociedade Escolástica Filomática e do jornal *Cosmorama Literário*, editado pela Sociedade, o qual lhe despertou para o desenvolvimento intelectual. Foi historiador, romancista, político e colaborou ativamente com diversos periódicos oitocentistas portugueses.

(s) sobrevém a morte, tendo por sepultura alguma loja de confeitiro, e por epitáfio: Muito viveu ele! Tal é a esperança, e mesmo os exemplos”. (*Beija-flor*, 1849)

Nota-se que as palavras de José Dias praticamente preconizam o fim da simpática revista. Porém, apesar de efêmera, a *Beija-flor* cumpriu o seu papel: divulgou textos literários inéditos, como “O testamento falso”, conto romântico escrito por Joaquim Norberto e impresso em forma de folhetim em diversos números; *O filho do procurador, ou A vítima do amor filial*, romance escrito por Justino de Figueiredo Novaes; sete pequenas narrativas sob a epígrafe “As flores de uma coroa” e “O terror da aldeia”, narrativa escrita por José Dias, entre outras.

Além disso, transcreveu de outras publicações poemas como “O leito de folhas verdes”, de Gonçalves Dias; “A eternidade”; poema de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, várias composições poéticas escritas por autores diversos e artigos importantes, como um sobre a “Literatura Brasileira”, escrito por N. J. Costa, publicado no número 50 da revista.

O texto reivindica para Souza Caldas³⁹ e seus contemporâneos os primeiros sinais de novos rumos para a literatura brasileira, afirmando que a literatura brasileira, já naquele tempo, procurava emancipar-se por intermédio do cultivo da poesia sacra; incentiva e justifica o caráter indianista de nossa literatura e reconhece Gonçalves de Magalhães como o escritor brasileiro que eleva a bandeira da revolução reformadora de nossa literatura.

Assim, ressaltar-se-á a importância desse texto, bem como de todo o segmento literário e crítico-literário divulgado na revista *Beija-flor*: publicação simples e breve, que divulgou textos literários de qualidade.

³⁹ Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas (Rio de Janeiro 1762-1814), poeta e orador sacro que, por motivo de saúde, é enviado, ainda criança, a Portugal. Foi preso por causa de suas *ideias francesas* e penitenciado pela Inquisição no auto de fé que celebrou no dia 26 de agosto de 1781. Formou-se em cânones (1782) e em lei (1789) pela Universidade de Coimbra. Regressou ao Rio de Janeiro em 1801 para visitar a mãe e, em 1808, transferiu-se para a cidade. Sua obra situa-se no Arcadismo, mas se distancia desse movimento pela forma e pela essência: ao contrário da arcádica, sua poesia não visava ao deleite, mas à expressão de um pensamento filosófico. Escreveu várias composições impressas em periódicos da época e, posteriormente, reunidas em livros.

Outra revista de significativa importância para os estudos literários, científicos e histórico-literários brasileiros publicada no período é a revista *Guanabara* (1849-1856). Editada pela primeira vez em 1º de dezembro de 1849, pela tipografia Guanabareense de L. A. F. de Meneses, localizada na rua São José, nº 45, Rio de Janeiro, – tipografia que cuidou também da edição da revista *Beija-Flor*,⁴⁰ a *Guanabara* é uma das publicações brasileiras mais conceituadas de sua época.

Dirigida inicialmente por Manuel de Araújo Porto-Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo, a *Guanabara* é composta por três tomos, os dois primeiros com doze números cada um e o último com treze. Contou com o apoio declarado e irrestrito do Imperador D. Pedro II. Graças a esse apoio, personalidades bastante conhecidas e respeitadas da época vieram a colaborar com a revista. Também foi graças ao Imperador que a revista foi vinculada ao projeto do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o que propiciou a ela uma série de vantagens, inclusive maior respeitabilidade entre os intelectuais e leitores da época.

Revista voltada à publicação de uma variedade de textos relacionados aos assuntos graves e às obras consideradas amenas, como noticiários, poemas, traduções, textos biográficos, bibliográficos, ensaios científicos, filosóficos, literários e de críticas literárias, a *Guanabara* contou com a colaboração do Senador Cândido Batista de Oliveira,⁴¹ do Desembargador João Cândido de Deus e Silva,⁴² do incansável Joaquim Norberto de Sousa e Silva, que, até aquele momento, já havia colaborado em quase todas as publicações periodísticas românticas brasileiras, bem como com a

⁴⁰ A revista *Beija-flor* saiu inicialmente pela tipografia de J. Villeneuve e, posteriormente, passou a ser editada pela tipografia Guanabareense.

⁴¹ Nasceu em 1801 em Porto Alegre e faleceu em 1865 a bordo do vapor francês *Pelouse*, em águas baianas. Foi para Portugal em 1820 e bacharelou-se em Matemática e Filosofia na Faculdade de Coimbra (1824). De volta ao Brasil, foi lente da Escola Militar e, mais tarde, Catedrático da mesma escola. Foi senador do Império (1849-1865) pela província do Ceará e membro de várias agremiações, entre essas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

⁴² Nasceu em 1787 e faleceu em 1860. Foi o tradutor de *Respostas de um cristão às palavras de um crente*, obra de Louis Eugène Maria Bautain. Tradução impressa em 1836 na Tipografia de Silva e Irmão, no Rio de Janeiro.

contribuição de José Albano Cordeiro e do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro,⁴³ entre outros.

Aliás, a partir do terceiro tomo e a pedido do imperador, Fernando Pinheiro assume a redação da revista, renovando as esperanças de Macedo e Porto-Alegre, os dois inabaláveis iniciadores da *Guanabara*. Ambos acreditavam que, sob a direção do Cônego, era possível a revista ter uma existência segura, pois havia em Fernandes Pinheiro a predisposição necessária para essa espécie de labor. (MACEDO e PORTO-ALEGRE, 1854, p. 211)

Sobre a opinião de Gonçalves Dias a esse respeito, nada se sabe: ele já havia se desvinculado da redação da *Guanabara* desde a edição do sexto número (1850) e, conforme observa Lúcia Miguel Pereira, na obra *A vida de Gonçalves Dias*, o poeta estava pouco interessado na direção da revista. Seus dois ensaios denominados "Reflexões sobre os Anais Históricos do Maranhão", publicados nos dois primeiros números da *Guanabara*, já haviam sido escritos para a segunda edição da obra de Bernardo Pereira de Berredo, publicada em São Luís em 1849, por Fábio A. de Carvalho Reis e Pedro Nunes Leal. Do mesmo modo, os fragmentos denominados "Meditação", publicados no terceiro número da revista, foram igualmente compostos em períodos anteriores.

De fato, parece-nos que Antonio Gonçalves Dias integrou a redação da revista para atender às solicitações de Macedo e de Araújo Porto-Alegre, já que, excetuando o ensaio "Resposta à Religião", os textos de sua autoria impressos na *Guanabara* não eram inéditos; ademais, o ensaio citado foi escrito para suprir a necessidade do poeta de responder aos redatores do periódico *Religião*, que, ao lerem na *Guanabara* as "Reflexões sobre os Anais Históricos do Maranhão", contestam suas opiniões sobre o papel desempenhado pelos padres jesuítas na colonização do Brasil.

⁴³ Nasceu no Rio de Janeiro em 1825 e faleceu em 1876 na mesma cidade. Estudou Teologia em Roma, em 1857 foi nomeado, por concurso, professor de Retórica e Poética do Colégio Pedro II. Considerado o verdadeiro fundador da historiografia e crítica literária no Brasil, publicou o *Curso elementar de literatura nacional* (1852), obra que recebe restrições de Antonio Candido de Melo e Sousa pela falta de medida nos critérios e pelo enfoque colonialista que dá à literatura.

O poeta, descontente por ter atraído a atenção dos redatores religiosos para as suas observações de uma forma que talvez não fosse de seu interesse, insinua no ensaio uma retratação do que havia expressado sobre os padres e a influência do clero. Entretanto, tal retratação pode ser interpretada como a simulação de um pedido de desculpas que não se concretiza, pois, como se observa por intermédio da leitura de "Resposta à Religião", no ensaio, o poeta acaba mesmo é confirmando as opiniões e as ideias por ele expressadas nas "Reflexões". (DIAS, 1850, p.147-153)

Importa mencionar que os aborrecimentos causados pelo episódio deixaram marcas. Gonçalves Dias cansou-se da polêmica com o padre, a qual só veio a aumentar o desgaste provocado pelo esforço de levar adiante uma publicação literária e científica em um ambiente inóspito como o Rio de Janeiro no ano de 1850: completamente assolado pela epidemia de febre amarela.

Tal cansaço somou-se ao desejo do poeta de percorrer novos ares e ele acaba por se desligar da redação da revista, de forma definitiva. Por esse motivo, a partir da edição do sexto número, de sua autoria, não é encontrada mais nenhuma colaboração impressa na *Guanabara*.

Assim, quando Fernandes Pinheiro ingressou na redação da *Guanabara*, parece natural Macedo e Porto-Alegre depositarem nele as esperanças que haviam depositado no amigo Gonçalves; ademais, os dois estavam carentes de auxílio: doentes, possivelmente em decorrência de uma nova epidemia que tomou conta do Rio de Janeiro no ano de 1855, – a epidemia de cólera *morbis*, – não se sentiam animados para levar adiante a empreitada de publicar a *Guanabara*.

Pode ter sido essa a causa do afastamento de ambos da redação, tendo em vista que, ao integrar a redação da revista, Fernandes Pinheiro acaba assumindo sobre si toda a responsabilidade de publicá-la.

Durante o período que Fernandes Pinheiro esteve à frente da redação da *Guanabara*, publicam-se nas páginas da revista vários ensaios, resenhas, poemas épicos e líricos, artigos sobre medicina, matemática, geografia e noticiários que, entre outros temas, anunciavam o lançamento de novos periódicos como no noticiário impresso nas páginas 137 e 138 do sexto número da revista, em que se divulga o

aparecimento da *Revista Brasileira* (1855), periódico de literatura, teatro e indústria, publicado quinzenalmente pela Empresa Tipográfica Dois de Dezembro, de Paula Brito,⁴⁴ e dirigida por Francisco de Paula Meneses.⁴⁵

Também foi dada continuidade à impressão da “Biblioteca Guanabarensis”, criada pelos antigos redatores da revista *Guanabara*, com finalidades semelhantes às dos redatores da *Minerva Brasiliense* ao criarem a “Biblioteca Basílica”, ou seja, promoverem a edição de obras consideradas de qualidade, que instruissem o público por intermédio da leitura e formassem leitores.

Informamos que a “Biblioteca Guanabarensis” foi responsável pela edição de várias obras, entre as quais *Amador Bueno ou Fidelidade Paulistana*, drama histórico em cinco atos, escrito por Joaquim Norberto de Sousa e Silva; *Rosa*, romance escrito por Joaquim Manuel de Macedo, e *A estátua amazônica*, comédia arqueológica, escrita por Manuel de Araújo Porto-Alegre.

Do mesmo modo, informamos que, em suma, a revista *Guanabara*, quer no que se refere à divulgação de textos literários e científicos, quer na importância de tais textos para os estudos acadêmicos, particularmente para os que se referem ao período citado, exerceu papel semelhante ao da *Minerva* e superou em importância – graças à colaboração de homens ilustres das letras, das ciências e das artes, bem como ao vínculo que manteve com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao apoio financeiro recebido do Imperador – quase todas as suas congêneres, sendo a última grande revista do primeiro momento Romântico brasileiro.

No ano seguinte ao encerramento da *Guanabara*, foi lançada no Rio de Janeiro, por Candido Batista de Oliveira, um dos mais assíduos colaboradores da folha, a *Revista Brasileira* (1857-1861). Publicação distinta da que já havia sido lançada sob o

⁴⁴ Tipógrafo, poeta, dramaturgo e tradutor, nasceu no Rio de Janeiro em 1809 e faleceu na mesma cidade em 1861. Lançou os periódicos *A Mulher do Simplicio* (1832), *O Homem de Cor* (1833) e *A Marmota na Corte* (1849), entre outros. É autor de obras poéticas como *Fábulas de Esopo para uso da mocidade, arranjadas em quadrinhas* (1857) e *Poesias de Francisco de Paula Brito* (1862), edição póstuma. É considerado o iniciador do movimento editorial no Rio de Janeiro.

⁴⁵ Médico, teatrólogo e professor, nasceu em Niterói em 1811 e faleceu em 1857. Foi membro do Conservatório Dramático no Rio de Janeiro. Escreveu *Lúcia de Miranda*, tragédia em verso, e *A Noite de S. João na roça*, composição poética.

mesmo título, em 1830, por Seignot-Plancher,⁴⁶ bem como distinta da lançada por Francisco de Paula Meneses em 1855, apesar de essa última também se preocupar com o estudo e a divulgação das ciências, das letras e das artes no país.

Impressa na Tipografia Universal de Laemmert, a *Revista Brasileira* de Candido Batista englobou quatro volumes e contou com a colaboração de dois dos fundadores da *Guanabara*: Manuel de Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Dias. Contou ainda com a colaboração de Francisco Adolfo Varnhagen,⁴⁷ José Soares de Azevedo,⁴⁸ entre outros, sendo considerada por alguns pesquisadores uma tentativa de Candido de dar continuidade à *Guanabara*.

Assim, concluímos, por intermédio das observações acerca das publicações científicas literárias citadas, que, desde a longínqua *Variedades*, essas revistas desenvolveram papel relevante no desenvolvimento cultural do Brasil, demonstrando “certa intenção, determinado ponto de vista, que se revela na impaciente vontade de apressar a formação intelectual do povo” (LOPES, 1978, p. 72), acrescentando-se a este, no que se refere às revistas românticas, a busca pelo elemento nacional, como meio de comprovar e/ou reafirmar a identidade brasileira. Por fim, ressaltamos que as revistas referidas e brevemente apresentadas neste texto representam a cultura letrada nacional e, conseqüentemente, o espaço cultural letrado brasileiro do período em que se inserem.

⁴⁶ Paul Emile Charles Hyppolite Seignot (1811-1848), ou Emile Seignot Plancher, nome pelo qual se tornou conhecido, era filho de Pierre René François Plancher de la Noe (1779-1844), o imigrante francês que chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1824, estabelecendo-se na cidade com uma loja de livros e tipografia. Seignot Plancher aparece como proprietário do *Jornal do Comércio*, o qual na verdade pertencia a seu pai, Pierre.

⁴⁷ Visconde de Porto Seguro, nasceu em Itapanema, Sorocaba (1816), e faleceu em Viena, Áustria (1878). Realizou os seus estudos primários e secundários em Portugal, formou-se em engenharia, tornou-se historiador, foi diplomata brasileiro e, como tal, percorreu toda a Europa. Recebeu numerosas condecorações e títulos. Em 1844, no Rio de Janeiro, teve sua nacionalidade brasileira reconhecida. Entretanto, ainda hoje alguns estudiosos, particularmente lusitanos, questionam e/ou reivindicam a nacionalidade de Varnhagen para Portugal.

⁴⁸ Poeta, jornalista e professor, nasceu em Portugal (1800) e faleceu em Recife (1876). Veio para o Brasil com 11 anos (1811) e retornou a Portugal com 16 (1816), onde estudou na Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Coimbra. Em 1821, com 21 anos, foi para Paris, onde recebeu o título de Bacharel em Letras. Ainda em Paris (1818), escreveu uma memória sob o título de “Considerações sobre a sede da Monarquia Portuguesa”, publicada sem indicação de autoria, no periódico *Investigador Português*, número 21. Foi o autor de *Poesias Seletas* (publicação póstuma, 1879).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTELO, RAÚL. *As revistas literárias brasileiras*. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1041>. Acesso em 10 nov. 2009.
- Beija-flor*: jornal de instrução e recreio. Rio de Janeiro, Tipografia de J. Villeneuve e Tipografia Guanabarenses de L.A.F. de Meneses, 1849-1850.
- COELHO, Odete Penha. A Expressão do Sentimento Nacional na *Revista da Sociedade Filomática*. *Revista de Letras*, São Paulo, v.20, n.1, p.21-31, 1980.
- COUTINHO, Afrânio & SOUZA, J. Galante de (Dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001.
- DIAS, Antonio Gonçalves. Resposta à religião. *Guanabara*: revista mensal, artística, científica e literária, Rio de Janeiro, tomo I, n. 4, p.147-153, 1850.
- DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976. v.1.
- LOPES, Hélio. *A divisão das águas*: contribuição ao estudo das revistas românticas. São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- PASSOS, Gilberto Pinheiro. *Presença literária francesa na 'Revista da Sociedade Filomática'*. 1983. p. 182. Dissertação (Mestrado em língua e literatura francesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre*. São Paulo: Edunesp, 1998.
- PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo & MACEDO, Joaquim Manuel de. Aos nossos assinantes. *Guanabara*: revista mensal, artística, científica e literária. Rio de Janeiro, tomo II, n.7, p.211-213, 1854.
- RAMICELLI, Maria Eulália. *Revue Britannique*, fonte inconfessada da *Revista Nacional e Estrangeira*. In: Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo. 2008. Disponível em: www.abralic.org.br. Acesso em 20 set. 2009.
- SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902.
- SILVA, Inocência Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.